

**LETRAMENTO NA SOCIEDADE:
ASPECTOS DA AQUISIÇÃO DE UM SISTEMA ESCRITO**

CELESTINO, Sandra Ferreira

e-mail: bralisaud@hotmail.com

COUTINHO, Josie Costa Ferreira

e-mail: josieatinha@hotmail.com

SANTOS, Karla Gardênia dos

e-mail: karlagardenia@hotmail.com

ARAUJO, Maria José de Azevedo.

Graduada em Pedagogia, Mestre em Educação e Professora do Curso de Letras-
Português da Universidade Tiradentes-UNIT.

Azevedo1956@bol.com.br

RESUMO

O objetivo principal dessa pesquisa bibliográfica é refletir sobre a alfabetização elucidando a diferença entre alfabetização e letramento. Tal estudo constitui de uma contribuição para o âmbito da educação, apontando para uma transformação na concepção do sujeito que aprende a língua por repetição, copiando e produzindo letras isoladas, sílabas, palavras, frases, mas um sujeito que aprende atuando com a língua sobre a língua. Ao longo da história da educação brasileira, associam-se os fracassos escolares ao processo de alfabetização. Esta discussão tem merecido uma atenção especial por parte dos pesquisadores da educação que ressaltam a questão com várias relações que influenciam nesse processo: o pensamento, a linguagem e as culturas orais e escritas; as práticas pedagógicas de educação que atuam durante este processo, refletindo sobre a relação de professor-aluno-conhecimento através da análise dos processos interativos e discursivos na sala de aula. Letramento é prazer, é lazer, é ler em diferentes lugares e sob diferentes condições, não só na escola, em exercícios de aprendizagem. A alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por indivíduo ou grupo.

Enquanto o letramento é muito mais que alfabetização. O letramento é um estado ou condição: de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, como três gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida. Enfim, letramento é o estado ou condições de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita. Dentre os estudiosos desta temática destacam-se Ferreiro & Teberosky, (1991), Soares, (1998), Castanheira (1999), Macedo (1998).

PALAVRAS-CHAVES: Letramento; Alfabetização; Realidade Social.

ABSTRACT

The primary purpose of this research is bibliographic reflect on the literacy elucidando the difference between literacy and letramento. This study is a contribution to the field of education, pointing to a transformation in the conception of the subject to learn the language by repetition, copying and producing single letters, syllables, words, sentences, but a person who learns working with the language on the language. Throughout the history of Brazilian education, associate school is the failures to the process of literacy. This discussion has deserved special attention from researchers of education that emphasized the issue with various relationships that influence this process: the thought, the language and cultures oral and written, and teaching practices of education to serve during the process, reflecting on the ratio of teacher-student-knowledge through analysis of the processes interactive and discursive in the classroom. Letramento is happy, it is entertainment, it is read in different places and under different conditions, not only in school, in years of learning. The literacy deals with the acquisition of written by individual or group. While letramento is much more than literacy. The letramento is a state or condition: of who interacts with different carriers of reading and writing, as three genres and types of reading and writing, with the various functions that the reading and writing plays in our lives. Finally, letramento is the status or condition of who is involved in many and varied social practices of reading and writing. Among the scholars of this issue it is Ferreiro & Teberosky, (1991), Soares, (1998), Castanheira (1999), Macedo (1998).

KEYS – WORD Literacy; Social Reality.

INTRODUÇÃO

Existem autores que entendem letramento como uma prática de leitura e escrita, onde a aprendizagem está em primeiro lugar a mecânica da leitura (decifrando do texto), que posteriormente dará a leitura “inteligência” (compreensão do texto lido), culminando com a leitura expressiva onde se junta à entonação.

Dadas estas considerações serão levantadas algumas questões que nortearão a pesquisa: qual é a diferença de alfabetização na perspectiva do letramento e alfabetizar para outros teóricos? A aquisição da escrita começa antes da criança entrar na escola? Todas as crianças ao aprender o sistema da escrita passam pelas mesmas fases? Os educadores possuem uma compreensão clara entre alfabetização e letramento?

Há hipóteses de que se torna letrado e também se torna cognitivamente diferente; a pessoa passa a ter uma forma de pensar diferente da forma de pensar de uma pessoa analfabeta. Claramente a leitura tem muitas facetas que deve ser dominadas em muitas situações diferentes. A questão de como a criança aprende a ler, que é encontrado no sentido da linguagem escrita. Um corolário para essa afirmação é que a criança não aprende a ler com um ensino ou com um material que não faça sentido para elas.

1 APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA

1.1 Traços de uma trajetória

A escola republicana pública e laica, foi obra de um movimento ativado pelos sonhos daqueles que fizeram revolução burguesa européia. De serva da Igreja Católica, a escola se transformou em servidora do Estado burguês, visando divulgar um novo modelo de comportamento social e generalizar um conjunto de saberes elementares que se articula com a nova realidade emergente.

De expressão de uma cultura de especialistas, primeiramente clerical e, depois, erudita, literária. A escrita gradativamente foi assumindo novas funções numa sociedade até então entrelaçada pelo volume das falas: a revolução industrial exigiu e propiciou o salto de uma sociedade tradicional, dominada pela oralidade, para uma sociedade moderna, fundada na técnica e na circulação do texto impresso.

No final do século XIX a escola assume o monopólio do ensino da escrita, na verdade escolarizando uma modalidade específica de uso de um sistema de escrita. De escola para elite, progressivamente se transforma em escola de massas, para indivíduos que, mergulhados nos seus afazeres diários, vivenciam situações nas quais o recurso ao texto é uma espécie de habilidade de sobrevivência, ocasional: na ausência de outros meios menos penosos. O alfabetizado pode tentar traduzir o escrito em oral .

Essa oralidade do texto é até hoje a visão da escola sobre a leitura; é essa a habilidade que a alfabetização se propõe a desenvolver. A outra modalidade de leitura e o uso da escrita literária, reflexiva, erudita, firmam-se com a prática de distinção social, herança de um privilégio, como afirma Foucault.

É plausível pensar que, embora constituísse um uso rudimentar da escrita, esse instrumental tenha sido suficiente para o mundo ainda às voltas como diz-que-diz que a oralidade. Assim um equilíbrio delicado foi mantido até o alvorecer do século XX, que se anunciava como um amanhã promissor para as sociedades ocidentais: o progresso científico-tecnológico em expansão abonava a crença nas novas possibilidades humanas. O prenúncio de sociedades mais democráticas colocava novas exigências, sem as quais o cidadão acabaria excluído da gestão dessa ousada esperança.

No mundo da comunicação, desenvolvimento de radiodifusão tornava cada vez mais anacrônico o da escrita como substituto da oralidade proporcionava pela alfabetização. Por sua vez, a expansão editorial “jornalísticos, literária, científica, panfletária” colocava em

circulação uma nova profusão de texto impressos que, cada vez mais, se interpunham entre o indivíduo e a sua participação social, exigindo o domínio de usos mais complexos da escrita. A técnica de utilização da escrita proporcionada pela escola, via processo de alfabetização, circunscrevia-se a um padrão em superação, num mundo que rapidamente se transformava. Os novos tempos anunciavam a necessidade de democratizar outros dispositivos técnicos de uso da escrita.

A escola nova foi o movimento que desestabilizando os antigos saberes escolares, projetou um modelo, procurando rearticulá-lo como futuro que se configurava. Diante da insuficiência no mundo da escrita demonstrada pelo alfabetizado, Ovide Décroly, um dos fundadores do movimento, provocou um curto-circuito nos fundamentos do aprendizado da escrita, defendendo um modelo de aprendizagem global e não mais sintético.

Na pedagogia, esse foi o movimento da famosa querela dos métodos, com acirrada disputa entre partidários dos seculares métodos sintéticos e partidários dos antigos métodos analíticos. A obsessão escolar pela alfabetização foi o ponto cego que impediu a visão daquilo que hoje, com Foucault, parece ficar evidente: entre a “leitura” do alfabetizado e a leitura do leitor, existe uma diferença de natureza do comportamento desenvolvida. Esse ponto cego impediu imaginar outras possibilidades de acesso a escrita, além da alfabetização.

Ressalto que o método analítico-sintético para a alfabetização na seqüência dos acontecimentos, a escola envolveu-se sempre numa série de melhoramentos técnicos desse processo, sustentando a sua continuidade. A tentativa de dar novas respostas ao processo, sustentando a sua continuidade. A tentativa de dar novas respostas ao aprendizado da leitura foi adiada. Enredada pela concepção que a instituição como única via de promoção escolar aos usos da escrita, talvez a pedagogia não tenha percebido que o mundo entrava na era da Leiturização.

1.2 A leitura

Alfabetização é o início de conhecimento, porque não termina no final da primeira série, devendo ter continuidade nas séries seguintes. Apesar de envolver aspectos (leitura, escrita, expressão e compressão de pensamento) e do professor ter conhecimento deles, geralmente o processo de alfabetização é trabalhado apenas quanto ao mecanismo da leitura e escrita, sendo deixado de lado o desenvolvimento da compreensão do pensamento do outro através da leitura (não criado nem o hábito de leitura) e a expressão de seus sentimentos, desejos etc. (que impede, por seu lado, o desenvolvimento da escrita independente).

Geralmente, a preocupação do educador é fazer com que seu aluno leia logo, o que concorre para que sejam deixados de lado os outros aspectos: expressão oral, a expressão e a compreensão do próprio pensamento e do pensamento do outro e participam igualmente do processo.

A alfabetização para os estudiosos da educação possui dois sentidos: de acordo com o sentido restrito, alfabetização é o ensino dos códigos da língua escrita para que as crianças adquiram as habilidades de ler e escrever. Limita-se ao período inicial da escolarização. Em sentido amplo, alfabetização é entendida como um fato de mudança de comportamento diante do universo, que possibilita ao homem mudança de comportamento diante da sociedade integra-se á sociedade de forma critica e dinâmica. Significando iniciar o aluno no conhecimento da leitura e da escrita, proporcionando-lhe oportunidade de decodificar e codificar os símbolos que compõem a língua que conhece e utiliza.

Claramente a leitura tem muitas facetas que devem ser dominadas em muitas situações diferentes. A questão de como a criança aprende a ler, que é encontrado no sentido da linguagem escrita. Um corolário para essa afirmação é que a criança não aprende a ler com um ensino ou com um material que não faça sentido para elas. Elas se empenham para encontrar sentidos na escrita e, como consequência, aprende a ler. “Identificar á da aprendizagem da língua falada, exercem a “comunicação” para encontrar sentido no que ouve”. Enquanto encontra sentido na linguagem falada ao seu redor, ela aprende e entender a fala e a usá-la.

Temos a tendência a ignorar que a maioria das crianças cresce em meio ao mundo no qual estão cercadas de escrita, como que elas desenvolvem a linguagem falada em ambiente de língua oral significativo. É um erro calcular o ambiente de linguagem e escrita das crianças pelo número de livros que elas têm em casa. A criança não precisa da suposta vantagem de pais “literatos”, a não ser seja falsamente considerado que a criança que não vem do ambiente instruído será, de alguma forma incapaz de aprender a ler.

Tente olhar para o mundo através do olhar de uma criança. Enquanto você caminha pelo supermercado, você é bombardeado por palavras escritas de todos os lados, de cima para baixos rótulos de produtos, embalagens, preços, cartaz, lista, indicações, revistas, invólucros - muitos dos quais repetem palavras já vistas em casa, o sinal em casa, o sinal escrito é um constante desafio, um problema persistente, algo cujo sentido deve ser entendido. Poucas crianças não têm consciências algumas de listas telefônicas, de revista, e jornal com páginas sobre esporte, guia de entretenimento e histórias em quadrinho. Na rua ver sinal de trânsito, letreiros das lojas, os anúncios publicitários, cardápios, caixa de correio, outdoors e portas

com indicação impressa bem marcante. Praticamente quase toda peça de equipamento da cidade e dos países mostram um nome de fabricante algumas palavras significativa como nível de combustível, luz ou abre e fecha.

Quando a palavra “PARE” ocorre no mundo real, não é uma série inútil de garatujas que não tem relação alguma com o que está em sua volta. Ela não está ali para que as pessoas leiam em voz alta, para decodificar em linguagem falada, para que digam (p-a-r-e), pare uns aos outros. A palavra escrita pare significa “aqui você precisa parar”, faz sentido. Tem finalidade.

O processo de aprendizagem do código escrito é lento e gradativo. Aliás como diz Leda Verdiani Jfouni (2000), “talvez seja melhor não falar” em alfabetização simplesmente, mas em graus ou níveis de alfabetização o movimento do indivíduo dentro dessa escala de desempenho, apesar de inicialmente ligado à instrução escolar, parece seguir posteriormente um caminho, que determinado sobre tudo pelas práticas sociais nas quais ele se engajar. Assim, ao rotularmos a aprendizagem dos códigos da escrita como “alfabetização”, estamos de fato salientados apenas uma parte do processo, bastante importante, é claro, mas não processo de alfabetização em sua totalidade.

Como efeitos, um código é um sistema de sinais, ou de signos, ou de símbolos- que, por convenção prévia determina-se a representar e a transmitir a informação entre a fonte de sinais – ou emissor e o ponto de destino – ou receptor. A aprendizagem dos sinais que caracterizam (letras, notações, léxicas e sinais de pontuação) apenas garante a criança o acesso ao códigos ou “instrução “ que o veiculam, quais sejam jornais, revistas, etc.

2 SURGIMENTO DA EXPRESSÃO LETRAMENTO

Vivemos em uma sociedade grafocêntrica, têm-se conhecimento sobre a problemática da falta do saber ler e escrever. Com isso gerou uma crescente preocupação em desenvolver um controle sobre a questão, através de muitos estudos, ações com objetivos de erradicar o problema, logo, foi preciso criar um termo e fazê-lo conhecido no campo da pesquisa, surgindo o “analfabetismo”. Mas, observou-se que as condições daqueles que sabe ler e escrever, e que respondem de maneira ampla e satisfatória as demandas da sociedade uso de alguma maneira da leitura e da escrita, ainda não havia uma denominação. Mais tarde, isso se fez necessário é saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências da

leitura e da escrita que a sociedade faz. Então, o nome letramento surgiu mediante a esta nova constatação.

Quando fatos “novos” são constatados, ou surgem idéias a respeito de fenômenos, depara-se com a necessidade de se criar novos vocabulários ou nome para se tratar com determinados assuntos (SOARES, 2003). Ou seja, freqüentes mudanças sociais de uso da leitura, logo, gerando novos termos específicos. A interpretação dada por KENNELH (1994) do processo de leitura ilustra movimentos da teoria lingüística que concentra seu foco no tema competência, possibilitando a aproximação do estudo da linguagem ao pensamento.

Segundo o autor “a leitura não se processa através da decodificação de cada sinal gráfico presente num texto para que sejam reunidos e finalmente extraído o significado”. Na interpretação dada por KLEIMAN (1995). Podemos definir hoje letramento como um conjunto de práticas sociais que usa a escrita; enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia em contexto específico; letramento é saber interagir em qualquer situação em que um portador da escrita é parte integrante da natureza das interações.

A interpretação dada por SOARES (2003) “letramento não é alfabetização”; esta que é um processo de “perdurar” sons em letras (“ganchos”); costuma ser um processo de desmonte de estruturas lingüísticas (“um martelo quebrando bloco de gramática”). O letramento é um fenômeno de centro social. Saliento as características sociais históricas ao se adquirir um sistema de escrita por um grupo social. Ele é o resultado da ação de ensinar e, o de aprender a ler e escrever, e denota estados ou condições em que um indivíduo ou sociedade obtém como resultado de ter-se “apoderado” de um sistema de grafia.

3 LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por indivíduo ou grupo. Enquanto o letramento “focalizado os aspectos históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (TFOUNI, 1995), ainda, é o estado ou condições de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita.

Ainda quanto às diferenças entre letramento e alfabetização é necessário alertar que os dois processos estão diretamente ligados, contudo, devemos separá-los ao seu abarcamento. Devido as suas distinções já mencionadas anteriormente. Há verificações de que a concepção de alfabetizar também se observa é que freqüência, estes dois de maneira confusa têm sido fundidos como um só processo. Essa confusão implica no exercício de um outro, pois onde entra a alfabetização? E o letramento? Ou, se trabalha os dois simultaneamente?

Se afirmarmos que alfabetização é algo que não tem ponto final, então dizemos que ela tem uma continuidade, e ainda, poderíamos dizer que é o letramento. Com isto, concordamos com dois processos andam de mãos dadas. Não queremos estabelecer uma ordem ou uma seqüência, pois já defendemos que todo indivíduo possui algum grau de letramento, mesmo que seja mínimo. O que se pretende é incentivar o educando a fazer uso do conhecimento nato de mundo que o educando possui e sua relação com a língua escrita, assim ele poderá alfabetizar letrando.

Para estudar e interpretar o letramento (...). Três tarefas são necessárias. A primeira é formular uma definição de consistente que permita estabelecer comparações ao longo do tempo e através do espaço. Níveis básicos ou primários de leituras e escrita constituem os únicos indicadores ou sinais de flexíveis e razoáveis para responder a esse critério essencial (...) o letramento é, acima de tudo, uma tecnologia ou conjunto de técnicas usadas para a comunicação e para a decodificação e reprodução de materiais escritos ou impressos não pode ser considerado nem mais nem menos que isso. (Graff, 1987^a, p. 18-19, grifos do original).

As tentativas de definição (de letramento) estão quase sempre baseadas em uma concepção de letramento como um atributo dos indivíduos, buscam descrever os constituintes do letramento em termos de habilidades individuais. Mas o fato mais evidente a respeito do letramento é que ele é um fenômeno social (...) O letramento é um produto de transmissão cultural (...) Uma definição de letramento (...) implica a avaliação do que conta como letramento na época moderna em determinado contexto social... Compreender o que "é" o letramento envolve inevitavelmente uma análise social... (Scribner, 1984, p.7-8, grifos do original).

Nós educadores devemos mostrar para os nossos alunos a importância da leitura, com ela temos a chave para o mundo. O que é ser leitor nos dias atuais? Temos vários tipos de leitores: o contemplativo (aquele que ler sempre e em qualquer lugar); o fragmentado (ler sem muita preocupação de aprender e depois só lembra os pedaços lidos); o virtual (aquele que guarda tudo na memória do computador) e temos também o imersivo (aquele que passa horas no jogo).

Ainda quanto as diferenças entre letramento e alfabetização é necessário alertar que os dois processos estão diretamente ligados, contudo, devemos separá-los ao seu abarcamento, devido as suas distinções já mencionadas anteriormente. Há verificações de que a concepção de alfabetização também se observa é que freqüência, estes dois de maneira confusa têm sido fundidos como um só processo. Essa confusão implica no exercício de um do outro, pois, onde entra a alfabetização? E o letramento? Ou, se trabalha os dois simultaneamente?

Segundo KATO, (1986). A palavra letramento é recém chegada ao vocabulário da educação e das ciências Lingüística nos anos 80, através de estudo dos especialistas da área da educação. Kato, 1986 ressalta que a língua falada culta é conseqüência do letramento, anos tarde, THONI, (1988), distingue alfabetização de letramento. O termo ganha estatuto de termos técnico no léxico do campo da educação e das ciências lingüísticas. Saliento que a partir desse momento a palavra tornou-se cada vez mais freqüente no discurso escrito e falado de especialista na área da educação. Estudioso da área da educação questiona porque do surgimento dessa palavra?

Podemos dizer que palavras são criadas ou então que as velhas palavras dão-se novos sentidos procurando explicar ou dar sentido a novos fatos, novas maneiras de compreender um fenômeno. Ou seja, um fato, ou novas idéias, ou nova maneira de compreender a presença da escrita no mundo social trouxe a necessidade desta nova palavra, letramento, nos causa certa estranheza, pois a palavra do mesmo campo semântico, nos familiares: analfabetismo, analfabeto, alfabetizar, alfabetização, alfabetizado é letramento e iletrado.

Analfabeto consiste naquele indivíduo que não sabe ler e nem escrever, já o alfabetizado relata de um indivíduo que decifra os códigos da escrita e leitura. O letramento envolve a capacidade de ler e escrever, ou seja, é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. O que o autor tenta explicar que a escrita traz conseqüências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, lingüísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la.

Quando refletimos sobre o fato de não ser de uso corrente a palavra alfabetismo, “estado ou qualidade de alfabetizado”, enquanto seu contrário analfabetismo “estado ou condição de analfabeto”. Pode-se perceber que existe uma redundância nos dois termos descritos acima, pois o substantivo que nega - analfabeto, se junta com o prefixo grego a(n) que denota negação, enquanto a corrente na língua o substantivo afirma alfabetizado.

Salienta-se que nomeia aquele que aprendeu a ler e a escrever, e não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as praticas sociais que as demandam. A explicação não é difícil e ajuda a clarear o sentido de alfabetizar, ou letramento.

Como foi dito inicialmente, novas palavras são criadas, ou a velhas dá-se um sentido, quando aparecem novos fatos, novas idéias, novas maneiras de compreender os fenômenos. Podemos perceber que em nossa sociedade existe muito, o “estado ou condição de analfabeto”, que não é apenas o estado ou condição de quem não dispõe da tecnologia do ler e

do escrever. O analfabeto é aquele que não pode exercer em toda sua plenitude os seus direitos de cidadão, consiste aquele que a sociedade marginaliza, que não tem acesso aos bens culturais da sociedade letrada, no vocabulário não existia uma palavra que contemplaria esse estado do indivíduo.

Já o estado ou condição de quem sabe ler e escrever, isto é, o estado ou condição de quem responder adequadamente as intensas demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e da escrita. Ressalto que este fenômeno só recentemente se configurou como realidade em contexto social.

Antes, nosso problema era apenas o do “estado ou condição de analfabeto” a enorme dimensão desse problema não nos permitia perceber esta outra realidade, o estado ou condição de quem sabe ler e escrever, e, por isso que o termo analfabeto nos bastava, o seu oposto. (SOARES 2003, p30)

A grande problemática deste contexto era ensinar o indivíduo a decodificar os códigos da escrita, onde a visão dos educadores ou dos estudiosos da área da educação o termo alfabetização ou analfabeto era suficiente. Recentemente passamos a enfrentar uma nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder as exigências da leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente, foi daí que se deu o surgimento do termo letramento.

Quanto à mudança na maneira de considerar o significado do acesso à leitura e à escrita em países da mera aquisição da tecnologia do ler e do escrever à inserção nas práticas sociais de leitura e escrita, de que resultou o aparecimento do termo letramento ao lado do termo alfabetização um fato que sinaliza bem essa mudança, embora de maneira tímida, é a alteração do critério utilizado pelo censo para verificar o número de analfabeto e de alfabetizados: durante muito tempo, considerava-se analfabeto o indivíduo incapaz de escrever o próprio nome; nas últimas décadas, e a resposta à pergunta ” sabe ler escrever um bilhete simples? Que defini um indivíduo alfabetizado ou não, ou seja, a habilidade de codificar o próprio nome passou-se a verificação da capacidade de usar a leitura e escrita para a prática social (ler ou escrever um simples bilhete) embora esta prática seja ainda muito limitada, já se evidencia a busca de um “estado ou condição de quem sabe ler e escrever”, mais que a verificação da simples presença da habilidade de codificar em língua escrita, isto é, já se evidencia a tentativa de avaliação do nível de letramento, e não apenas a avaliação da presença ou ausência da “ tecnologia do ler e escrever”.

Letramento é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma letrado, assim, um adulto pode ser analfabeto, porque, porque

marginalizado social e economicamente, mas se vive em um meio em que a leitura e a escrita tem presença forte, se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva e é (significado que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

A leitura é mais eficiente quando os leitores conhecem as convenções, as características, o tipo de estrutura própria do texto cuja leitura vai iniciar. Livros didáticos, reportagem, fotonovela, fábulas, crônicas, poesias e contos são escritos diferentemente. Suas estruturas diversas obedecem às convenções nem sempre muito clara para o leitor iniciante. Quanto mais se conhece as convenções do gênero mais fácil é a abordagem a texto com segurança.

A maneira pela qual o alfabetizador encara o ato de ler determina, em grande sua maneira de ensinar. Praticamente todo o trabalho de alfabetização em nossas escolas (seja qual for o método adotado) parte do pressuposto de que o importante é ensinar o mecanismo da decodificação, porque depois a compreensão virá automaticamente.

Segundo CARVALHO 1994(p.11) “O pressuposto está errado. Antes mesmo de ensinar a decodificar as letras e sons, é preciso mostrar aos alunos o que se ganha o que se obtém com a leitura.”.

De acordo com a citação acima se pode compreender que antes de ensinar o educando a ler, faz-se necessário mostrar que através da leitura pode-se decifrar o mundo letrado sem fronteira. Ressalto que o educando só poderá obter essa compreensão através da realização de atividades que faça perceber a ligação da leitura com o cotidiano. Uns aos outros. A palavra escrita parece significar “aqui você precisa parar”, faz sentido. Tem finalidade.

Assim tendo por base a questão relatada acima, a de trabalho afirma que o letramento consiste no resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sócias de leitura e escrita; o estado ou condições que adquire; um grupo social ou de um indivíduo tendo por consequência deter-se apropriado da escrita e de práticas sociais. Ressalto que um indivíduo alfabetizado sabe ler e escrever, já um indivíduo letrado não só sabe ler e escrever, mas usa socialmente a leitura e a escrita, e as práticas e respostas às demandas sociais de leituras e de escrita.

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma condição social e cultural-não se trata propriamente

de uma mudança de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura, sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente.

Há hipóteses de que se torna letrado e também se torna cognitivamente diferente; a pessoa passa a ter uma forma de pensar diferente da forma de pensar de uma pessoa analfabeta.

A contribuição de Decroly ficou perdida na névoa dos métodos, onde Foucambert foi retirá-la para qualificá-la radicalmente. Ele se reporta ainda as contribuições da escola nova, atualizando-as e desromantizando-as ao remetê-las ao quadro da sociedade de classes e ao compromisso político com uma democracia radical.

Segundo FOUCAMBERT.1994 (Pxii). “Retomar o passado, não para repeti-lo ou venerá-lo em sua imutabilidade, é o caminho para que o pensamento pedagógico pare de se seduzir com searas alheias e enfrentar seus próprios desafios”.

Entre 1960 e 1970 a escola confronta-se com um problema de leitura que não conseguia superar, o saber-ler era quase que unanimemente confundido com a possibilidade de se atribuir um significado ao escrito, transformando-o em oral.

Quando, porém, as exigências da comunicação aumentam deve desenvolver-se uma atividade de natureza totalmente diferente, pois a mensagem é elaborada. Vinte anos atrás, o saber decifrar ainda podia parecer suficiente para 80% de população; os outros, continuavam estudando, tornaram-se leitores por motivos alheios ao ensino a que foram submetidos.

Saber decifrar não podia confundir-se com saber-ler. No estágio atual das coisas, a discussão sobre a escolha dos métodos são, ao mesmo tempo, obsoletos e prematuras. A escola precisa de uma reflexão muito mais fundamental, precisa entender o que é a leitura só então será fácil e frutífero escolher.

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.

Um poema ou uma receita, um jornal ou um romance, provocam questionamentos, exploração do texto e respostas de natureza diferente; mais o ato de ler, em qualquer caso, é o meio de interrogar a escrita e não tolera a amputação de nenhum de seus aspectos.

Segundo FOUCAMBERT (1994, p:5) “controlar a leitura significa obter informação sobre o questionamento inicial, discutir as estratégias de exploração, medir o caminho percorrido, significa também formular um juízo sobre o escrito.”

Saliento que só pode obter esse controle ou entendimento do escrito quando se tem realmente uma compreensão daquilo que foi lido fazendo uma intervenção com o mundo letrado para com determinadas situações do cotidiano.

Estudos mostram que desde primeiro dia, o desenvolvimento cognitivo da criança se opera pela inferência do sentido de certos elementos de uma situação fortemente envolvida.

Segundo FOUCAMBERT 1994(p.6)” Pode-se afirmar que a, partir das situações nas quais interage, a criança cria um sistema provisório que lhe permite antecipar índices pertinentes para a classificação, a denominação a ação”.

Podemos observar na citação acima que a criança escolhe algumas ações para distinguir um cachorro de um gato, para isolar seu pai de todos os homens com bigode, são “operacionais” com relação ao seu sistema atual e ao seu projeto. Aos cinco anos de idade uma criança cria significado aos objetos que a cerca mesmo sem o domínio da leitura e da escrita.

A escola prefere-se explorar a língua escrita sem apelar para a memória visual, centrando fogo no domínio de um código de correspondência muito aproximativo; depois se lamenta que as crianças não saibam ler e comentam erros de ortografia.

Analfabeto é o desconhecimento das técnicas de utilização da escrita; iletrismo é a falta de familiaridade com o mundo da escrita, uma exclusão em relação ao todo ou a parte desse modo de comunicação.

Segundo FOUCAMBERT 1994(p.18) “cada um de nos é iletrado em diversos campos são por demais numerosos, até entre os que foram alfabetizados”.

De acordo com a citação acima cada indivíduo possui uma área que é analfabeta, e também o esquecimento da técnica básica que permite a utilização da escrita ou a falta de utilização de reativação.

Pode-se notar a diferença do analfabeto na metade do século passado e nos dias atuais; onde, o analfabeto era resultado da ausência de escolarização, hoje aparece como consequência do iletrismo, ou seja, a necessidade de associação da leitura com a utilização na sociedade.

Como funcionamento social exclui dos processos de decisões e poder entre 50% a 70% do “cidadão”, estes são excluídos também dos motivos para encontrar na escrita o que ela tem de específico. Seu não saber técnico revela-se como uma resposta equilibrada a seu estatuto social de não-leitor.

A alfabetização passa necessariamente por etapas, de modo independente da camada social. As etapas são iguais, variando apenas em função da idade, nunca da condição

social da criança; todo professor que alfabetiza deve ter consciência do porque a criança precisa ser alfabetizada, quando deve ser alfabetizada e que tipo de alfabetização é necessária, uma vez que, como ser histórico, a criança depende das solicitações culturais do mundo em que vive.

Sabendo que pesquisadores da área de educação ressaltam que a problemática da alfabetização do ponto de vista dos educadores, tanto por parte dos teóricos na adequação dos métodos pedagógicos a serem utilizados durante o processo de alfabetização tem sido objeto de pesquisa, onde o foco de estudo está centrado na educação infantil.

A pré-escola corresponde aos primeiros anos de vida, onde os objetivos seriam estabelecidos, visando habilitar a criança não só a ler e escrever, mas garantir todos os comportamentos básicos que preparam para a vida futura, em seu meio social.

Durante o período da pré-escola, quando normalmente se inicia uma aprendizagem mais sistemática da escrita, onde a criança tem seus interesses não apenas centrados nos acontecimentos do dia-a-dia. No mundo começa a se descortinar e ampliar-se para ela, surgindo questões, dúvidas e incertezas a respeito dos mais variados temas.

a criança está terminando o período pré-operações concreto onde as operações mentais adquirem uma reversibilidade e isso implica na aquisição da noção de conservação. Portanto, a criança também é capaz de captar e entender de forma mais ampla e concentra o mundo que o rodeia". Piaget (1983).

Do ponto de vista cognitivo, segundo Piaget (1983), e dentro desse contexto que foi apenas esboçado acima, que o professor se depara com a tarefa de trabalhar leitura e a escrita. Entender o mundo letras, é para a criança a possibilidade de começar a utilizar alguns códigos do mundo adulto, bem como a de dar significados consistentes as inúmeras grafias com as quais ela se defronta todos os dias. Sem dúvida é um processo muito rico para a criança e muito envolvente e desafiador para o educador.

Ressaltam os estudiosos da educação a busca de compreender da diferença entre alfabetização e letramento. A alfabetização da aquisição da escrita por um indivíduo ou grupo. Enquanto letramento "focaliza os aspectos sócio-histórico da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade" (TFOUNI, 1995), ainda, é o estado ou condição de quem não apenas saber ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita (SOARES, 2003).

Com base nos direitos educacionais podemos ressaltar que a educação básica no tocante a educação infantil, cabe ao Ministério Público Federal atuar com a finalidade de verificar se a União vem desenvolvendo (e como vem desenvolvendo), as medidas destinadas

a garantir equalização de oportunidades educacionais e um padrão mínimo de qualidade de ensino nos níveis infantil e fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Socialmente e culturalmente a pessoa letrada já não é a mesma que quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter outra condição social e cultural. Não se trata propriamente de mudar de nível ou classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura, sua relação com o outros, com o contexto, com os bens culturais tornam-se diferentes.

Existe diferença entre saber ler e escrever, ser alfabetizado, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser letrado. Diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever é analfabeto, ou sabendo ler e escrever e não faz uso da leitura e da escrita. Ela é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler escrever e pratica a leitura e a escrita.

Convivemos com o fato de existirem pessoas que não sabem ler e escrever; pessoas analfabetas, desde Brasil Colônia, e ao longo dos séculos temos enfrentado o problema de alfabetização, de ensinar as pessoas a ler e escrever; portanto: o fenômeno do estado ou condição de analfabeto nós o tínhamos, e ainda temos... E por isso sempre tivemos um nome para ele: analfabetismo.

Por isso, devemos sair da sociedade da informação para buscarmos a do conhecimento. Temos que escolher as informações relevantes, aquelas que serão necessárias para construção do conhecimento e assim nos apropriarmos dela. Desde os primeiros passos da criança devemos motivá-la ao hábito da leitura, já na Educação Infantil elas devem ser mais bem preparadas, nessa fase a criança possui muita potencialidade e está em formação do ser, por isso, a autonomia deve ser ensinada a partir desse momento.

“Alfabetizar letrando” requer: democratizar a vivência de práticas de uso da leitura e da escrita; ajudar o aluno a, ativamente, reconstruir essa invenção social que é a escrita alfabética. Letramento seria uma consequência natural da alfabetização, os problemas de letramento são freqüentemente atribuídas a deficiências do processo de alfabetização.

A alfabetização embora seja um contínuo, e o nível de domínio da tecnologia da escrita possa variar de indivíduo a indivíduo, é sempre possível determinar se uma criança ou

um jovem ou um adulto sabe ou não sabe ler e escrever – trata-se de ter ou não ter posse de uma tecnologia.

O mesmo não acontece no processo de letramento, devido ao desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita, são variadas e muitas as práticas sociais quanto as escolares, as habilidades, os conhecimentos e as atitudes necessárias para o exercício dessas práticas. Alfabetização é contínuo, mas de certa forma linear; letramento é também um contínuo, mas não-linear. Do processo de alfabetização, pode-se esperar que resulte, ao fim de determinado tempo de aprendizagem, em geral prefixado, um “produto” que se pode reconhecer, cuja aquisição, ou não, atesta ou nega a eficiência do processo de letramento jamais chega a um “produto” final, é sempre e permanentemente um “processo”, e não há como decidir em que ponto do processo o iletrado se torna letrado.

O letramento consiste no resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sócias de leitura e escrita; o estado ou condições que adquire; um grupo social ou de um individuo tendo por conseqüência deter-se apropriado da escrita e de práticas sociais. Um indivíduo alfabetizado sabe ler e escrever, já um indivíduo letrado não só sabe ler e escrever, mas usa socialmente a leitura e a escrita, e as práticas e respostas às demandas sociais de leituras e de escrita.

O letramento é uma variável contínua e não discreta ou dicotômica; refere-se a uma multiplicidade de habilidades de leitura e de escrita, que devem ser aplicadas a uma ampla variedade de materiais de leitura e escrita.

O letramento é antes de mais nada uma variável dependente que independente que está associado a muitos dos indicadores de desenvolvimento social e econômico, permitindo identificar e compreender o status econômico, social e cultural de um país ou de uma comunidade, evidenciando, por exemplo, que o analfabetismo e a pobreza andam de mãos dadas, como ocorre nos países do terceiro mundo .

É preciso enfatizar que o letramento não pode ser avaliado e medido de forma absoluta. Como não é possível descobrir uma definição indiscutível e inequívoca de letramento, ou a melhor forma de defini-lo, qualquer avaliação ou medição desse fenômeno será relativa. Nos contextos escolares é possível avaliar o letramento repetidas vezes e progressivamente, atribuindo várias e diferentes definições operacionais, um levantamento censitário nacional, realizando-se através de uma única situação de avaliação e de um único instrumento de avaliação tem de necessariamente basear-se em uma única definição de letramento.

Ao avaliar, comparar ou confrontar dados em nível nacional ou internacional, é fundamental analisá-los, associando-os a indicadores demográficos, socioeconômicos, culturais e políticos.

A estrutura da educação formal e a natureza e qualidade da escolarização primária influenciam enormemente o conceito de letramento, seu valor social, seus usos e funções, bem como sua avaliação e medição, a interpretação de dados sobre letramento deve sempre levar em conta as características do sistema escolar. O letramento é um direito humano absoluto, independentemente das condições econômicas e sociais da sociedade.

REFERÊNCIAS

ANGOTI, Maristela. **O Trabalho docente na pré-escola. Revisitando teorias, descortinando práticas.** Livraria Pioneira Editora. São Paulo.

LIMA, Adriana Flávia Santos de Oliveira. **Pré - escola e alfabetização: Uma proposta baseada em P freire e J. Piaget.** 15ª Edição. Editora Vozes. São Paulo, 2002.

FOUCAMBET, Jean. **A leitura em questão.** Editora Artes Médica. Porto Alegre, 1994.

CARVALHO, Marlene. **Guia pratico do alfabetizador.** Editora ática. São Paulo ,1994.

SOARES, Magda . **Letramento: Um tema em três gêneros.** 2ª Edição. Editora: Autentica, 2003.